

GIOVANNI GENTILE (1875-1944)



O Estado, na sua eticidade essencial não é qualquer coisa de superior e externo que o indivíduo deva conquistar, pois que ele já a tem originariamente em si. Assim, na esfera da realidade humana, não existe acto económico que não seja ético, e, portanto, político; não há sociedade civil que também não seja Estado

- ◆Filósofo italiano, nascido na Sicília e professor em Palermo, Pisa e Roma. Ministro fascista da educação de 1922 a 1924. Presidente da *Enciclopédia Italiana* em 1929.
- ◆Lidera também, de 1925 a 1929, ao Instituto Fascista de Cultura. Adere em 1943 à República de Saló, acaba assassinado na sua casa de Florença em 15 de Abril de 1944.
- ◆Semeia hegelianismo por todos os quadrantes ideológicos, desde a nova esquerda hegeliana de Ugo Spirito, ao neo-marxismo de Gramsci, sem esquecer a multifacetada caminhada de Croce, sucessivamente marxista, fascista e liberal
- ◆Assume o chamado idealismo absoluto, considerando que o próprio Hegel quando tratou do Estado não foi suficientemente hegeliano. Porque não adoptou *o conceito do verdadeiro método idealístico* que é o da "imanência", pelo qual "o Estado no seu valor e na sua realidade espiritual não é o que se vê e se chama Estado no mundo da experiência que se diz ser a realidade histórica". Apenas teria adoptado uma posição "empírica e não especulativa", dado ter-se colocado como "simples espectador que permanece fora do espectáculo".
- ◆Proclama que há uma identidade total entre *teoria* e *praxis*, porque ser é agir, não sendo possível conceber uma filosofia especulativa distinta da filosofia da *praxis*. Assim, o único dever do homem é o de pensar e só depois agir, mas através de um *pensar-agir*, dito *actualista*, onde não pode haver qualquer regra exterior. Nestes termos, através do chamado método da *autoctise*, do *pensar concreto* ou *acto puro*, tudo reconduz ao acto de espírito, à actividade do sujeito transcendental, com seis configurações diferentes: arte, religião, direito, moralidade, ciência e filosofia.

♦Se a política é absorvida pela moralidade e pelo direito, o Estado passa a ser algo que não existe *entre* os homens, mas sim *no interior* do próprio homem: *o sócio é o objecto do nosso sujeito, que por ser nosso deixa de ser coisa e torna-se um outro; e é propriamente o outro, ou seja, o nosso outro que, como tal é o nosso sócio, que participa em nós, conosco, naquela sociedade que é inerente ao eu transcendental.*

♦Nesta sequência, observa que o *Estado puramente material e exterior é evidentemente uma abstracção que em cada uma das mais rudimentares formas de vida social deve ser ultrapassada, pois que o Estado na sua eticidade essencial não é qualquer coisa de superior e externo que o individuo deva conquistar, pois que ele já a tem originariamente em si. Assim, na efectiva realidade humana, não existe acto económico que não seja ético e, portanto, político.*

♦Também *o indivíduo humano não é átomo. Imanente ao conceito de indivíduo está o conceito de sociedade. Porque não existe Eu em que se realize o indivíduo que não tenha, não consigo, mas em si mesmo, um “alter”, que é o seu “socius” essencial, ou seja, um objecto que não é um simples objecto (coisa), oposto ao sujeito, mas que é um simples objecto (coisa) oposto ao sujeito, como ele. Esta negação da pura objectividade do objecto coincide com a ultrapassagem da pura subjectividade do sujeito; enquanto puro sujeito e puro objecto, no seu imediatismo, temos dois abstractos, e a sua concretização está na síntese, no acto de constitutivo do Eu.*

- Rosmini e Gioberti, 1898
- La Filosofia di Marx , Pisa, 1899.
- Dal Genovesi al Galluppi, 1903
- Il modernismo e i rapporti tra religione e filosofia, 1909
- Sistema di pedagogia come scienza filosofica 1912
- L'atto del pensare come atto puro (1912)
- I problemi della scolastica e il pensiero italiano, 1913
- La riforma della dialettica hegeliana (1913)
- Studi vichiani, 1914
- I Fondamenti della Filosofia del Diritto , 1916.
- Teoria Generale dello Spirito come Atto Puro, 1916.
- Sistema di logica come teoria del conoscere (2 voll., 1917-1922)
- Le origini della filosofia contemporanea in Italia, 3 voll., 1917-1923
- Il tramonto della cultura siciliana, 1918
- Gino Capponi e la cultura toscana del secolo XIX, 1922
- I profeti del Risorgimento italiano: Mazzini e Gioberti, 1923
- Studi sul Rinascimento, 1923
- Giordano Bruno e il pensiero del Risorgimento, 1925
- Origini i Dottrina del Fascismo , 1927.

- *Fascismo e Cultura* , Milão, 1928.
- *La filosofia dell'arte* (1931)
- *Genesi e Struttura della Società* , 1946

☞ Brito, António José, «Giovanni Gentile», in *Logos*, 2, cols. 824-82; Cerroni (PP), VII, pp. 15 segs; Felice, Renzo De, *L'Interpretazioni del Fascismo*, Bari, Edizioni Laterza, 196; Maltez (ESPE, 1991), II, 167 segs; Milza, Pierre, «Le Fascisme Italien», *apud* Ory, Pascal, op. cit., pp. 528 segs; Possenti, Vittorio, *A Boa Sociedade. Sobre a Reconstrução da Filosofia Política*, Lisboa, IDL-Instituto Adelino Amaro da Costa, 1986, pp. 242 segs; Texier, Jacques, «Gentile», Châtelet (DOP), pp. 270-27; Vechio (LFD), pp. 258 segs..